

## O Mal

O pecado no jardim do Éden precipitou toda a raça humana na vala do pecado e abriu margem para uma força implacável que moldou a experiência humana desde então: o mal. O termo “mal” aqui é utilizado no sentido da “presença da corrupção, maldade e depravação no mundo, opostos a natureza e vontade de Deus”.<sup>1</sup> Dessa forma, o mal é um conjunto enorme de realidades que engloba desde o pecado até o sofrimento, ou seja, tudo aquilo que está presente na criação que se contrapõe a bondade e benignidade do Criador.

Contudo, é importante lembrarmos que o mal não nasce no Éden, na escolha dos primeiros pais, como afirma Bavinck: “O pecado não surgiu pela primeira vez na terra, mas no céu, na presença imediata de Deus, junto ao Seu trono. O pensamento, o desejo, a vontade de resistir a Deus surgiu primeiramente no coração dos anjos”.<sup>2</sup> As Escrituras declaram que “os primeiros pecadores foram os anjos [...] A presença da serpente no jardim testifica o fato que já existiam criaturas pecadoras antes da queda de Adão (Gn 3). Judas 6 indica que alguns anjos não permaneceram em seu estado original, mas pecaram e caíram [...] A Bíblia não diz diretamente como o pecado surgiu entre os anjos, mas ensina que um anjo se tornou um agente mau, o diabo, que se tomou o líder da rebelião angelical contra Deus”.<sup>3</sup>

A tentação, portanto, é a atuação de um poderoso ser que está convidando o ser humano a trilhar a o caminho que ele mesmo já trilhou: rebelar-se contra o Criador, rejeitar o Eterno que o havia criado. No entanto, esta resposta nos conduz a outras pergunta monumentais sobre a própria origem do mal no seio de uma criação boa de um Criador bom.

Se o Eterno é bom e nele não há o mal e se o Criador só pode criar as coisas que estejam de acordo com a bondade de seu caráter, como pode surgir o mal na criação? Como podemos conceber a existência do próprio mal ontológico em um universo criador por um Deus bom? E como poderiam coexistir no mesmo universo um Deus bom (que odeia o mal) e poderoso (que pode extinguir o mal) e a presença e ação do mal? William Sorley (1855-1935) foi um renomado professor de filosofia moral da Universidade de Cambridge. Segundo ele, o problema da existência do mal é uma das objeções mais duras que a fé cristã pode enfrentar.<sup>4</sup> Por que existe o mal em um mundo criado por um Deus bom?

Estas difíceis questões envolvendo a existência do mal estão dentro de um campo chamado “Teodicéia” no estudo da teologia. A palavra vem da junção dos termos gregos “Theos”(Deus) e “dike” (justiça), significando assim “Justiça Divina”.<sup>5</sup> O termo foi cunhado por Gottfried Leibniz (1646–1716) em sua obra *Essais de Théodicée*, na qual Leibniz procura justificar a existência de Deus a partir da reflexão sobre a existência do mal e sua relação com a bondade de Deus. Alvin Plantinga, renomado filósofo cristão, definiu a Teodicéia como “resposta para a pergunta de por que Deus permite o mal”.<sup>6</sup> Basicamente o desafio da Teodicéia é lidar com “o problema teológico de tentar reconciliar o sofrimento e o mal no mundo criado com a idéia de um Deus bondoso e amoroso”.<sup>7</sup>

## A origem do mal

Ao refletir sobre a questão do mal, somos capturados por uma questão inicial: como surgiu o mal na criação boa criada por um Deus bom? De onde veio o mal se o Criador não tem o mal nele e é incapaz de criar o mal? O que é mais impressionante é que quando nos voltamos para as Escrituras, elas parecem se calar a respeito da origem do mal. Somos informados que o homem foi tentado mas não há uma declaração clara e objetiva a respeito de como essa realidade perturbadora invadiu a criação boa do eterno. Gerard Van

<sup>1</sup> MANSER, MARTIN H.: *Dictionary of Bible Themes: The Accessible and Comprehensive Tool for Topical Studies*. London : Martin Manser, 2009

<sup>2</sup> BAVINCK, Herman. *Fundamentos Teológicos da Fé Cristã*. Santa Bárbara d’Oeste: SOCEP, 2001, p.243, 244

<sup>3</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p.451

<sup>4</sup> CRAIG, William Lane. *Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2012, p.100

<sup>5</sup> NEAL, D. A.; THEODICY, BARRY, J. D.; WENTZ, L.; MANGUM, D.; SINCLAIR-WOLCOTT, C.; KLIPPENSTEIN, R.; BOMAR, D.; RITZEMA, E.; WIDDER, W.; BROWN, D. R. (orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*. Lexham Press: 2012.

<sup>6</sup> PLANTINGA, Alvin. *God, Freedom and Evil*. B. Eerdmans Publishing: 1974, p. 12

<sup>7</sup> MANGUM, DOUGLAS: *The Lexham Glossary of Theology*.

Groningen fala com sinceridade sobre a questão: “Um outro problema relaciona-se a origem do mal/pecado dentro de um ser criado por Deus que não era mau, e sim, parte de um cosmos muito bom. Este problema não pode ser resolvido baseado em qualquer ensino bíblico explícito”<sup>8</sup>

Vinoth Ramachandra aborda o tema com uma propriedade notável, ao afirmar que “o mal propriamente dito é deixado sem explicação na Bíblia, pois talvez a verdadeira razão a verdadeira razão seja a de que é inexplicável. No momento em que ele for ‘explicado’, teremos relacionado-o com uma estrutura de significados na qual agora ele ‘faça sentido’. Mas a verdade é que o mal não tem sentido. Ele é uma louca e absurda invasão na criação de Deus. Não dá para explicá-lo. É por isso que toda tentativa de explicar o mal [...] acaba por fazer do mal algo trivial”.<sup>9</sup>

As tentativas de responder esta questão geralmente passam por negações da onipotência e da soberania de Deus de um lado e da negação da responsabilidade humana de outro. Ou Deus não tem controle sobre o mal (nega a soberania e o poder) ou Deus é em última instância o responsável pelo mal, ainda que tenha se utilizado de suas criaturas para criá-lo (nega a responsabilidade e a personalidade das criaturas).<sup>10</sup>

Uma explicação viável é a que Agostinho concebe quando faz uma relação entre o neo-platonismo e a fé cristã, ao afirmar que o mal não existe como o bem, mas é a ausência do bem.<sup>11</sup> Neste sentido Deus não seria o criador do mal e tão pouco incapaz de lidar com o mal, mas o mal seria um efeito colateral da liberdade concedida as criaturas que decidem rejeitar o Criador. Aonde não está o bem de Deus, aí se manifesta o mal como a sombra é aonde a luz não está.

### **A existência do mal e a bondade de Deus**

A questão é que mesmo olhando com estranheza para o mal de maneira a desistir de colocar nele um rótulo que o encaixe no mundo, ainda sim a existência do mal levanta questões sobre o próprio Criador, “pois se Deus é poderoso, Ele é capaz de prevenir que o mal ocorra. Se Deus é bom, ele não permitirá que o mal ocorra. Mas há um mal mais do evidente ao nosso redor. O problema do mal pode ser pensado como um conflito envolvendo três conceitos: o poder de Deus, a bondade de Deus e a presença do mal no mundo. O senso comum nos diz que os três não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo”.<sup>12</sup>

Erickson continua explicando com uma clareza singular este ponto: “Se o homem é para ser verdadeiramente homem, ele precisa ter a habilidade de desejar ter e fazer coisas algumas das quais não serão o que Deus quer que o homem tenha e faça. Aparentemente Deus sentiu que, por razões que eram evidentes para Ele mas que nós podemos apenas em parte entender, seria melhor criar seres humanos do que andróides. E o mal era um acompanhamento necessário no plano de Deus para fazer o homem totalmente homem”.<sup>13</sup>

É certo que vivemos no melhor universo que poderia existir e ainda sim este universo foi criado de tal maneira que a liberdade concedida as criaturas de alguma maneira incorre no fato da possibilidade do mal que se concretizou quando as criaturas rejeitaram o Criador. Augustus Hopkins Strong destaca que a questão “como pode um Deus santo permitir o mal” não pode ser respondida totalmente nem pela razão nem pelas Escrituras,<sup>14</sup> mas nos lembra que existem fatos bíblicos que devem nos consolar: “1- a liberdade da vontade é necessária a virtude; 2- Deus sobre pelo pecado mais do que o pecador; 3- com a permissão do pecado Deus também proveu redenção; 4- Deus irá eventualmente prevalecer sobre todo mal com o bem”.<sup>15</sup> É importante lembrar o fato de “que Deus tomou sobre si o pecado todos os seus efeitos maléficos sobre si mesmo todos os efeitos do pecado é uma contribuição única da doutrina cristã para a solução do problema do mal. É notável que, embora soubesse que ele próprio se tornaria uma vítima (de fato, a maior vítima) do mal resultante do pecado, Deus ainda assim permitiu que o pecado acontecesse”.<sup>16</sup>

<sup>8</sup> GRONINGEN, Gerard Van. *Criação e consumação*, v. 1, p. 124.

<sup>9</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.102

<sup>10</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.414-419

<sup>11</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes. *O problema do mal na polêmica antimaniquêia de Santo Agostinho*. Porto Alegre:UNICAP, 2002, p.223

<sup>12</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.412

<sup>13</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.424

<sup>14</sup> STRONG, AUGUSTUS HOPKINS: *Systematic theology*. Philadelphia : American Baptist Publication Society, 1907, p.367

<sup>15</sup> STRONG, AUGUSTUS HOPKINS: *Systematic theology*. Philadelphia : American Baptist Publication Society, 1907, p.367

<sup>16</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.432

Shedd, Dogm. Theol., 1:388—“The permission of sin has cost God more than it has man. No sacrifice and suffering on account of sin has been undergone by any man, equal to that which has been endured by an incarnate God. This shows that God is not acting selfishly in permitting it.”<sup>17</sup>

There have been many different types of attempted solutions to the problem. For the most part, (our analysis here is somewhat oversimplified) these attempted solutions work at reducing the tension by modifying one or more of the three elements which in combination have caused the dilemma: the greatness of God, his goodness, and the presence of evil.<sup>18</sup>

While Egyptian theodicies tend to blame humanity for the existence of evil, Mesopotamian theodicies place the blame wherever necessary, from humanity to deities<sup>19</sup>

Epicurus (341 BC–270 BC), an ancient Greek philosopher, addressed the issue by questioning God’s divine attributes. He established the Epicurean Paradox: if God is powerful enough to abolish evil, then He either cannot or does not want to. If God does not want to abolish it, then He is evil. If He can abolish it, then why does evil still exist? Epicurus concludes that a god who is all-powerful and all-good does not exist. He argues that the gods in existence are neither friends nor enemies of humanity (Epicurus, *The Epicurus Reader*, 1994).<sup>20</sup>

The Torah teaches how Adam and Eve introduced sin into the world—no explanation is given as to why sin was allowed to enter the world<sup>21</sup>

Tertullian was convinced that Satan’s origins were found in Ezek 28, and this helped to keep God from being the author of evil (Marc., 2:10). St. Augustine provided the most comprehensive examination of evil (*Civ.*, 149–76). He reasoned that God is the source of all goodness, and therefore evil could not have been created by Him. He also redefined evil as an absence of good. For example, when a person is injured, the injury is not a thing in and of itself, but rather an absence of wholeness and health. When a person chooses to do evil, he or she is really choosing to turn away from good. Augustine’s approach is but one of many approaches that have developed. The Bible assures Christians that in the end, God will right all wrongs.<sup>22</sup>

There have been many different types of attempted solutions to the problem. For the most part, (our analysis here is somewhat oversimplified) these attempted solutions work at reducing the tension by modifying one or more of the three elements which in combination have caused the dilemma: the greatness of God, his goodness, and the presence of evil.<sup>23</sup>

That God took sin and its evil effects upon himself is a unique contribution by Christian doctrine to the solution of the problem of evil. It is remarkable that, while knowing that he himself was to become a victim (indeed, the major victim) of the evil resulting from sin, God allowed sin to occur anyway.<sup>24</sup>

Explicar utilizando a clareza dos argumentos propostos no vídeo: Deus bom, Deus poderoso e a existência do mal.

---

<sup>17</sup> STRONG, AUGUSTUS HOPKINS: *Systematic theology*. Philadelphia : American Baptist Publication Society, 1907, p.367

<sup>18</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.413

<sup>19</sup> NEAL, D. A.: Theodicy, BARRY, J. D. ; WENTZ, L. ; MANGUM, D. ; SINCLAIR-WOLCOTT, C. ; KLIPPENSTEIN, R. ; BOMAR, D. ; RITZEMA, E. ; WIDDER, W. ; BROWN, D. R. (orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*. Lexham Press: 2012.

<sup>20</sup> NEAL, D. A.: Theodicy, BARRY, J. D. ; WENTZ, L. ; MANGUM, D. ; SINCLAIR-WOLCOTT, C. ; KLIPPENSTEIN, R. ; BOMAR, D. ; RITZEMA, E. ; WIDDER, W. ; BROWN, D. R. (orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*. Lexham Press: 2012.

<sup>21</sup> NEAL, D. A.: Theodicy, BARRY, J. D. ; WENTZ, L. ; MANGUM, D. ; SINCLAIR-WOLCOTT, C. ; KLIPPENSTEIN, R. ; BOMAR, D. ; RITZEMA, E. ; WIDDER, W. ; BROWN, D. R. (orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*. Lexham Press: 2012.

<sup>22</sup> NEAL, D. A.: Theodicy, BARRY, J. D. ; WENTZ, L. ; MANGUM, D. ; SINCLAIR-WOLCOTT, C. ; KLIPPENSTEIN, R. ; BOMAR, D. ; RITZEMA, E. ; WIDDER, W. ; BROWN, D. R. (orgs.). *The Lexham Bible Dictionary*. Lexham Press: 2012.

<sup>23</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.413

<sup>24</sup> ERICKSON, Millard J. *Christian Theology*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985, p.432

A aula ataca dois problemas: de onde veio o mal? Deus criou o mal? O mal existe como uma entidade a parte de Deus? Um extremo Deus cria o mal e no outro o maniqueísmo - igualdade entre mal e bem.

Segundo problema: o argumento ateu de que se existe o mal então Deus não existe – Alvin Plantinga.